

Ponto Cego¹

Paulo Romário Morais MOREIRA²
Jorge Lucas Vieira AMÂNCIO³
Wilyana Eulina de OLIVEIRA⁴
Joseylson Fagner dos SANTOS⁵

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO:

Ponto Cego é uma série de reportagens de jornalismo literário, desenvolvido na disciplina de Fotojornalismo, que reúne em seu conteúdo matérias sobre pessoas que vivem à margem da sociedade, “os excluídos sociais”. Relatada de forma humanizada e sensibilizada, as histórias têm o objetivo de despertar a empatia nos seus leitores e mudar seu julgamento ao encontrá-los no centro da cidade. O produto é vinculado na internet, considerada a plataforma de divulgação de informações mais democrática que existe.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; excluídos sociais; internet; site.

01 INTRODUÇÃO

A tecnologia teve um grande avanço nos últimos tempos e com certeza continuará crescendo cada vez mais. Porém, mesmo diante do grande fluxo de informação/notícias que nos rodeiam todos os dias, vemos o quanto ainda há histórias que passam despercebidas, não

¹ Trabalho submetido ao XXIII Expocom 2016, na Categoria: **Jornalismo**, modalidade **Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série)**.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º período de Comunicação Social - Jornalismo, email: romariomorais2008@hotmail.com.

³ Estudante do 5º período de Comunicação Social - Jornalismo, email: jorge.amancio@yahoo.com.br.

⁴ Estudante do 5º período de Comunicação Social - Jornalismo, email: wilyana_eulina@msn.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: jofagner.edu@gmail.com.

são tão enfatizadas e nem são dadas a real importância. Assuntos sociais são um grande exemplo disso.

É notório que circulam notícias sobre movimentos sociais, mas quase todos os meios de comunicação falam de um modo generalizado, muitas vezes dando ar de muita dramatização e de sofrimento aos assuntos, “imagens dos excluídos sociais ilustram massivamente as páginas de jornais e revistas e impregnam de miséria os noticiários de TV” (JÚNIOR e BONI, 2006, p. 40). Mas, é fato também que em alguns casos isso chega a ser verdade, as pessoas vivem cheias de sofrimentos e dramas, mas há outras maneiras de se dar visibilidade a essas narrativas.

Essas diferenças sociais são concretizadas a partir da Revolução Industrial, que nas palavras de Júnior e Boni (2006, p. 40), “marcou a segregação entre proletariado e burgueses detentores dos meios de produção, além da divisão do mundo entre países com vocação de fornecedores de matéria-prima e outros de tradição fabril”. Logo se tornaram uma clara característica do capitalismo, que durante todas as suas fases, serviu ainda mais para acentuá-las ao concentrar as riquezas nas mãos de poucos e explorar a mão de obra, pagando baixos salários com jornadas de oito horas diárias.

Outro fator importante para determinar essa segregação entre classes foi a Urbanização, e Mossoró, como a segunda maior cidade do estado do Rio Grande do Norte, com o tempo também sofreu esse processo, transformando-se num centro urbano que atrai a população de outras cidades do interior. Entretanto, eles não conseguiram achar espaço logo de primeira, conseqüentemente, estalaram-se nas margens da cidade.

Com o uso das novas tecnologias essa circulação ficou ainda mais fácil. Desse modo, resolvemos criar uma série de reportagem que mescle imagens com jornalismo, então, surgiu o produto “*Ponto Cego*”, que relata as histórias de forma humanizada e sensível. Buscando a fundo a essência de pessoas que vivem em situações mais difíceis, sem sensacionalismo, apenas mostrando a realidade como ela é.

Segundo Pena (2007), a literatura terá forte influência no jornalismo em meados dos séculos XVIII e XIX, quando renomados escritores tomaram de conta das redações, determinando a linguagem utilizada e o conteúdo vinculado, “e um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura”.

O jornalismo literário é a quebra do jornalismo literário ao inserir estilos da literatura, como a crônica, o romance, o conto, entre outros, inclusive chegando a ter os pensamentos e

primeiras impressões do autor nas matérias. Lembrando que não é apenas “fugir das amarras da redação ou exercitar a veia literária”, e sim, potencializar “os recursos do jornalismo” ao constituir “novas estratégias profissionais”. Pode ser dividido em subgêneros:

“[...] entre eles o romance-reportagem, a biografia, o new journalism americano, o jornalismo gonzo e a ficção jornalística, entre outros. Tais sub-gêneros foram se estabelecendo ao longo do século XX e, embora diferentes, têm características comuns que podem dar subsídios para uma conceituação ampla do jornalismo literário” (PENA, 2007, p. 49).

As matérias serão postadas num site (<http://pontocegoweb.wix.com/site>) voltado para todos e todas que se identificam com esse tipo de assunto. Terá como base os conhecimentos adquiridos em sala de aula e estudos de teóricos como Batista (2004) e Tavares (2006).

02 OBJETIVOS

Geral

Produção de uma série de reportagens de jornalismo literário voltado para causas e movimentos sociais, abordando temas que estão “ocultos e/ou pontos cegos” na mídia. Dando mais visibilidade e voz às pessoas que muitas das vezes sofrem exclusão da sociedade.

Específicos

- Entrevistar pessoas envolvidas em movimentos sociais, trabalhadores independentes que ganham a vida de uma forma simples;
- Fotografar momentos da rotina dos entrevistados;
- Construir perfis e narrativas dos personagens entrevistados;
- Mostrar como essas pessoas vivem perante uma sociedade ainda cheia de estereótipos e preconceitos;
- Relatar histórias de vidas, buscando valorizar a ética e profissionalismo.

03 JUSTIFICATIVA

Com o advento das novas tecnologias e novas formas de comunicação se faz preciso que temas como o mundo dos empregos informais se tornem conhecidos e visibilizados. Em virtude que essas atividades têm um crescimento muito grande no Brasil, e mais especificamente em Mossoró. Além de muitas vezes as pessoas os verem sob uma ótica que na maioria das vezes não é verdadeira

Por ser extremamente importante a divulgação de histórias de pessoas que vivem dos empregos informais, o trabalho justifica-se por tentar trazer à discussão uma temática que muitas vezes é esquecida pela sociedade nos trabalhos e para realizar um desejo pessoal de nós do grupo de poder dar voz e imagem a quem não tem.

O produto final escolhido: reportagens literárias, pois ao fazermos as entrevistas ficaremos atentos ao modo de falar do entrevistado, a roupa que usa, seus jeitos, tudo isso para quando escrevermos os textos possamos incluir esses detalhes, dando mais realidade as matérias.

Além de serem postadas no site de mesmo nome, que acreditamos ser de fácil acesso às pessoas e que por se tratar de um tema mais denso este seria o mais indicado, nas plataformas: computador, celular, tablets e etc.

04 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os smartphones foram um invento revolucionário quando se fala de tecnologia, com eles, além de telefonar, podemos realizar outras tarefas, como acessar a internet, mandar mensagens, tirar fotos, gravar vídeos e áudios, cronometrar o tempo, entre outras. “Esses dispositivos acabaram agrupando diversas funcionalidades” (BATISTA *et al.*, 2014) que o possibilitaram se tornar mais dinâmico e atrativo para o gosto do consumidor, deixando de lado a sua função inicial de fazer ligações.

Para Batista *et al.* (2014 apud BURGOS, 2013),

[...] dispositivos têm inserido novas práticas de consumo, leitura, intercâmbio e produção de dados e mídias que, conseqüentemente, são absorvidos pelo mercado editorial de jornais ao redor do globo. [...] Lemos notícias, compramos filmes e assistimos a eles em tablets; conferimos feeds de mídias sociais; jogamos e ouvimos músicas no smartphone; fazemos chamadas via redes P2P e, no carro, ouvimos podcasts de audiolivros ou de programas de TV.

Pensando nisso, optamos por utilizar o smartphone “*Samsung Galaxy A5*” como ferramenta para a realização de reportagens fotojornalísticas, pois “uma das vantagens dos smartphones é a mobilidade, pois não ocupam tanto espaço” (BATISTA *et al.*, 2014, apud BURGOS, 2013).

O Samsung Galaxy A5 nos permitiu gravar os áudios das entrevistas para melhor assimilação das informações quando for transcrito a matéria, e com sua câmera de 13 megapixels nos possibilitou tirar fotos vivas e em alta resolução, até mesmo em locais com baixa luminosidade. Segundo Batista *et al.* (2014), “os dispositivos móveis apresentam aplicativos que possuem várias funções e tarefas, que proporcionam novas produções jornalísticas”.

Inicialmente, reunimo-nos com o objetivo de definir quais personagens serão entrevistados e construir um cronograma para realizarmos com mais organização as tarefas, como entrevistá-los e na oportunidade fazer as fotos com estes em seu local de trabalho, bem como em suas residências em alguns casos.

As produções de jornalismo literário da série “*Ponto Cego*”, constituiu-se em realizar entrevistas cujo foco são aquelas pessoas que vivem à margem da sociedade e como elas conseguem sobreviver, objetivando trazer à tona as suas situações, que vivem sob a ótica da marginalidade e que precisam ser visibilizados.

Primeiro, fazia-se perguntas como: “*Com o que trabalha?; Há quanto tempo?; Quanto cobra e quanto consegue juntar ao fim do mês?; Com que gasta o dinheiro?*”. Logo após, as fotos eram tiradas com os entrevistados no seu local de trabalho, já que “[...] possui força e torna-se, por isso, a comprovação visível de um acontecimento, instrumento que justifica e legitima a informação escrita pelo jornalista. A fotografia jornalística é também notícia” (TAVARES e VAZ, 2006).

Como diz Pena (2007, p. 45), ao fazer a entrevista no local de trabalho têm-se mais detalhes para observar e colocar nas reportagens,

“Quando o homem fala, há um componente sinestésico tanto na emissão quanto na recepção. Ao ouvir alguém em uma praça pública, por exemplo, não estamos só usando a audição. Estamos vendo seus gestos, usando o tato para nos apoiar em algum banco ou ficar de pé, sentindo o cheiro no ar e o paladar de nossa última refeição ou da fome que se aproxima. Todos estes componentes influenciam a mensagem. São partes dela”.

Alguns não permitiram fazer as fotos, pois, a matéria foi feita no centro de Mossoró, cujo o número de vendedores ambulantes e camelôs são bastantes elevados. Para eles, a sua barrquinha poderia ser alvo de perseguição de outros concorrentes ou até mesmo da polícia.

Em torno de cinco dias, não consecutivos, conseguimos gravar onze entrevistas e quarenta e nove fotos, somente um caso preciso de um dia inteiro, do Movimento dos Sem Terras (MST), eles moram fora da cidade e deslocamento era maior.

Por último, foram escritas nove matérias, contendo as falas dos entrevistados e a narração da experiência de entrar em contato com eles com as fotos ilustrando o texto, e postado no site do mesmo nome da série, a fim de sensibilizar todos aqueles que caminham pelo centro de Mossoró, sempre com a cabeça erguida, sem ao menos olhar ao lado e ver que tem uma pessoa ali tentando ganhar o seu sustento.

Nesse tivemos mais liberdade do que teríamos num jornal tradicional, não houve uma pressão, como aquelas das redações, para terminar o trabalho antes do prazo, “A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da fonia mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal” (PENA, 2007, p. 49). No total, tivemos cinco dias para concluí-lo, com entrevistas foram tranquilas, criamos certa intimidade com os entrevistados, a ponto de perguntamos sobre coisas pessoais, e ainda conseguimos aproveitar ao máximo suas respostas.

Após finalizadas as etapas de entrevistas e fotografia nos reunimos para edição do material, e para a construção dos textos que acompanhariam cada foto no produto final, que foi definido como um site. Essa plataforma foi escolhida por ser de fácil acesso e por se tratar de um tema mais denso, achamos que este seria ideal para alcançar os nossos objetivos.

Este produto pode ser aberto tanto no celular, bem como também no computador onde o conteúdo é o mesmo para as duas plataformas.

Nesse trabalho buscamos dar ênfase às suas atividades, suas histórias, bem como também os seus sonhos. Dando voz e vez àqueles que na maioria das vezes são ignorados pelas pessoas e precisam chamar atenção através do grito, dos protestos e etc.

05 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Mossoró, como a segunda maior cidade do estado do Rio Grande do Norte, com o tempo também sofreu um processo de urbanização, transformando-se num centro urbano que atrai a população de outras cidades do interior. Entretanto, não conseguiram achar espaço logo de primeira, conseqüentemente, estalaram-se nas margens da cidade.

A série “*Ponto Cego*” quer, justamente, mostrar a história dessas pessoas, pois na maioria das vezes enfrentam o famoso dilema, “*ou trabalha ou estuda*”, e muitos acabam

optando pelo primeiro já que veem de uma cultura que ensina que o ensino público (o que eles podem bancar) não presta e não vale a pena. E como vivem em locais, que não são bem vistos pela sociedade em geral, as opções que possuem são mais restritas.

Restando a eles os trabalhos informais, ou “*subempregos*”, que surgem a partir da urbanização de uma cidade. E o mais fácil e o mais utilizado é o vendedor autônomo, que monta sua barracinha no centro de Mossoró e vende seus produtos, seja capinha de celular, DVD pirata, óculos, controle remoto, chip de celular, e até mesmo pastorando carros e motos.

A fotografia foi muito essencial nesse momento, pois ela permitiu registrar eles em seu ambiente de trabalho, como diz Tavares e Vaz (2006), captando diferentes realidades, e com ajuda do jornalismo literário, transformando em informação, “uma imagem fotográfica ganha importância e sentido ainda maiores quando localizada em um determinado contexto, que a dota de especificidades”.

Podemos destacar personagens interessantíssimos: Fernanda, que na adolescência era modelo e agora vende arte; Patrício, que saiu da Paraíba e veio para Mossoró vender meias; Josilene e Reganeide, as únicas mulheres pastoradoras de carros; Kalyane, a única que recebe um salário mínimo; entre outros.

De todos os entrevistados, somente, Fátima concluiu os estudos, costumava trabalhar no Colégio Passos Livres, só que faliu e ela teve que se virar como pode. Mas a resposta foi unanime quando disseram que tinham de escolher entre trabalhar ou estudar, e todos escolheram trabalhar, pois tinham que se sustentar e ajudar a família.

E a mais emocionante foi Valderlucia, ao ser questionada sobre sua família, ela chorou ao se lembrar de que filho mora com outras pessoas e foi impedida pela mulher que cuida dele de ir visitá-lo. Entretanto, ela ainda tem esperanças que ele quando for mais velho, por escolha própria, irá vê-la.

Essas histórias, junto com as fotografias, serão disponibilizadas no site “*Ponto Cego*”, pois dessa forma estaremos dando voz a elas, assim, tornando-as visíveis as outras classes, “[...] quando incorporada pela mídia, a fotografia assume um papel de grande importância. Seu conteúdo visual tem forte papel no ser e no estar dos sujeitos no mundo, construindo representações, dando forma e sentido às várias realidades que nos rodeiam” (TAVARES e VAZ, 2006).

06 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho da disciplina de Fotojornalismo, ministrada pelo professor Jo Fagner, pudemos colocar em prática conhecimentos aprendidos na disciplina como posição da câmera, foco, design, sensibilidade, cores, entre outros fatores.

No produto final pudemos ainda dar voz e visibilidade a alguns grupos de brasileiros, representados aqui por mossoroenses que são grupos considerados invisíveis até por eles mesmos. Estes grupos de flanelinhas, sem-terra, vendedores ambulantes merecem ser vistos como cidadãos que são que pagam seus impostos, tem seus sentimentos, almejam serem vistos. Por esse motivo, o nosso objetivo principal, antes de qualquer avaliação da disciplina é mostrar que de fato esses grupos existem e buscar sensibilizaras pessoas para com a realidade destes.

Cabe aqui agradecer a todos que nos permitiram fotografar em seu ambiente de trabalho ou de moradia, bem como também por nos contar histórias, sonhos e sentimentos tão íntimos que nos ajudou na construção dos textos para ilustrar as fotos e do próprio site.

Os invisíveis merecem ser vistos. Podemos dizer, em suma, que foi a partir desta troca de experiências e do contato mais intenso que se enfatizou a nossa responsabilidade pessoal para com estes de torná-los antes de mais nada VISÍVEIS!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Joanan de Oliveira et al. **Tecnologia no Cotidiano:** projeto de metalinguagem com a utilização de dispositivos móveis e fotojornalismo. In: EXPOSIÇÃO DE PESQUISA EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO, 21., 2014, Florianópolis (RS).

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. **Cidade, fotografia e jornal impresso:** Belo Horizonte e o fotojornalismo. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 9., 2006, São Paulo (SP).

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito.** Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/viewFile/349/152>>. Acessado em: 23 mai 2016.